



Missão Salesiana

de

Mato Grosso

**Inspetoria de Campo Grande
Brasil**

Campo Grande, 15 de abril de 1988

Prezados Irmãos,

enquanto, no dia 17 de dezembro p.p., prestávamos nossas últimas homenagens ao venerando decano da Inspetoria, Pe. Francisco Czapla, chegava-nos de Milão por telefone a notícia da morte de outro nosso irmão:

Padre CARLOS DEL TORCHIO,

com 53 anos de idade, quase 25 de sacerdócio e 36 de vida religiosa.

Poucos dias depois, uma carta do Pe. Gian Paolo Franzetti, diretor do Colégio Salesiano de Pavia e primo do Pe. Carlos, dava notícias mais pormenorizadas dos últimos momentos do Extinto, falecido no hospital dessa cidade. "Na tarde do dia 15 de dezembro - narrava em sua carta - a irmã que o assistia, depois de ter jantado conosco, retornou junto dele, embora nada fizesse pressagiar o fim iminente. Mas pelas 22hs15, depois de violenta tosse, improvisamente se lhe reviraram os olhos, a respiração se tornou pesada e perdeu o conhecimento. Chamado logo, pude administrar-lhe a absolvição com a indulgência em artigo de morte e a bênção de Nossa Senhora. Pe. Carlos, porém, não dava sinal de perceber a nossa presença: já estava em coma. Na manhã desse dia, como de costume tinha recebido a Eucaristia e pouco depois da meia noite desse dia 15 de dezembro expirou. Estávamos presentes a irmã gêmea, eu e a enfermeira do hospital. Uns vinte minutos mais tarde chegava a irmã menor com o esposo.

O funeral realizou-se no dia 17 na igreja paroquial onde havia sido batizado e onde celebrara a 1ª. Missa e onde esperava celebrar, no próximo mês de fevereiro, as bodas de prata sacerdotais.

As exéquias foram presididas pelo Pe. Inspetor, que regressara propositamente de Roma, concelebrando com o seu vigário, diretores e numerosos irmãos. Ao redor da mãe estavam os parentes, amigos, irmãs FMA e os alunos do Colégio de Varese. Descansa agora no cemitério de Golasecca, sua terra natal, no sepulcro da família.

Falamos de “seu” Brasil, pensamos na “sua” Inspetoria e rezamos em comunhão com vocês”.

Prezados irmãos,

Pe. Carlos Del Torchio nasceu em Golasecca (Lombardia - Itália) aos 4 de fevereiro de 1934, filho de Luigi Del Torchio, já falecido, e de D^a. Eurica Garttoni. Família profundamente cristã, levou o nosso Carlos à pia batismal oito dias depois do nascimento, preparando-o para a 1^a. Eucaristia, que recebeu aos oito anos de idade.

Feitos os estudos primários em sua terra natal, cursou o ginásio no nosso Colégio Santo Ambrogio de Milão. Neste período amadureceu a vocação salesiana, favorecida pelo espírito cristão da família. Concluindo o curso ginásial, apresenta o pedido para o noviciado, aceito pelos superiores com esta motivação: “Boa vontade pela qual poderá dar bons resultados nos estudos”. Durante o noviciado em Montódine (Crema - Itália), consolida “através do estudo da regra e de Dom Bosco sua firme vontade de consagrar-se ao Senhor na Congregação Salesiana”. Aos 16 de agosto de 1951, faz a profissão religiosa e, em seguida, começa os estudos de filosofia em Nave (Bréscia), concluindo-se em Campo Grande (Mato Grosso), onde chega aos 17 de dezembro de 1952. Concluídos os estudos, é por dois anos assistente e professor dos clérigos na mesma Chácara São Vicente, prosseguindo o tirocínio por mais dois anos no nosso Colégio de Lins (S. Paulo). Aos 11 de julho de 1957, consagra-se definitivamente ao Senhor com a profissão perpétua. Em 1959 é enviado à Itália para os estudos de teologia, frequentando nosso Estudantado da Crocetta (Turim).

Aproximando-se da ordenação sacerdotal, apresenta seu pedido nos seguintes termos: “É meu último pedido e, precisamente, o décimo que nestes treze anos apresentei livremente aos meus superiores para seguir, etapa por etapa, minha vocação. Não tenho presente a formulação dos nove pedidos precedentes, mas estou seguro que neles se pode confrontar uma progressiva e constante consciência da minha vocação e também a alegria de ver a meta sempre mais próxima e alcançável, não certamente por minhas forças mas pelas de Jesus, obtidas graças à Mãe Celeste. Sei que rezar Missa é começar a sofrer, mas me conforta a certeza que em qualquer Calvário estamos sempre perto de Jesus e de Maria”.

Nos arrebatos desta alegria não poderia certamente adivinhar quanto de realidade havia nestas palavras, particularmente nos últimos anos de sua vida.

Com estes sentimentos preparou-se para o grande dia da ordenação, que ocorreu aos 11 de fevereiro de 1963, festa de Nossa Senhora de Lourdes, na Basílica de Valocco, em Turim. Alcançara a meta desejada: de agora em diante, todas suas energias estarão a serviço do Reino no campo que a obediência lhe marcaria. Cheio de entusiasmo, retorna ao Brasil, enviado à Chácara São Vicente, responsável pelos estudos dos clérigos estudantes de filosofia. Quem lhe foi diretor nessa época, declara: “Na Chácara São Vicente, preparava as aulas com muito cuidado, dedicando-se outrossim à constituição da biblioteca”. Aos domingos e dias santos não descansa, mas sacerdote no profundo de seu ser “trabalha com muito zelo e dedicação no Oratório Paulo VI, que estava nos seus inícios. Os clérigos, que o acompanhavam, nem sempre aguentavam sua dinamicidade”. Oratório incipiente, necessitava de tudo, inclusive de aplainamento do terreno irregular dos pátios, que ele consegue realizar com o auxílio de patrôas emprestadas pelo nosso ex-aluno, Sr. Wilson Barbosa.

Em 1967 é transferido para o Colégio Dom Bosco. “Aqui - escreve Pe.

Em junho retorna à Itália, com nova fase em sua doença. Trancorre meses em família, mas desejando participar da vida de comunidade, transfere-se para a nossa obra de Varese, ocupando-se em dar aula e exercer o ministério. Com o pensamento volta muitas vezes à sua Inspetoria e são sempre momentos de alegria quando recebe notícias de Mato Grosso ou quando algum irmão o visita. Transcorre assim quatro longos anos numa total entrega à vontade de Deus, que o chama a viver o seu “calvário com Jesus e Maria”.

E aqui transcrevo o testemunho do diretor da obra salesiana de Varese, onde Pe. Carlos passou seus últimos anos. “1986 foi para Pe. Carlos um ano relativamente calmo e sereno, também porque a sua doença não deu sinais particulares. O tratamento que fazia cada cinquenta dias em Milão dava-lhe alívio e esperança de poder continuar por um período bastante longo. Tornara-se disponível também para um pouco de aula, para tornar-se útil como dizia e ficar um pouco no meio dos jovens dos quais era muito apreciado. A situação foi-se agravando com a retomada do ano letivo: sentia-se mais fraco. A gravidade tornou-se evidente quando em Milão lhe negaram a quimioterapia por excessiva fraqueza e falta de glóbulos vermelhos. O retorno da visita foi para ele particularmente doloroso e sofrido. Como sempre quando percebia que o mal dava um passo à frente, fechava-se em particular recolhimento que o ajudava acolher a vontade de Deus. Transcorreu o inverno e a primavera com a família. Merece palavras de louvor e de reconhecimento o trabalho paciente e humilde da mãe que o encorajava e o servia sempre confiando na bondade do Senhor. No verão esteve por algum tempo na Ligúria ao mar e parecia que o clima o aliviasse um pouco. Mas o tempo não conseguiu restituir-lhe as energias de um tempo. Deixou a Ligúria e foi várias vezes hospitalizado para uma série de transfusões de sangue: único remédio que lhe permitia certa recuperação. Em setembro de 1987 quis estar mais perto da comunidade salesiana para “viver com os irmãos e rezar junto”, são suas palavras. Desejava estar presente a todas as manifestações comunitárias, mas se percebia o grande sofrimento e a dor que lhe causava o mover-se e participar. À dor física evidente para todos contrapunha-se a satisfação que lhe proporcionava o encontrar ao redor irmãos com os quais trocar alguma conversa e brincar. Em novembro não conseguia alimentar-se porque o estômago recusava tudo. Embora com pouca confiança, submeteu-se a um novo calvário: o internamento no hospital de Pavia, aconselhado por um professor seu amigo. A intervenção cirúrgica revelou a gravidade da situação e a impossibilidade da intervenção de remédios.

Antes da intervenção quis receber a Unção dos Enfermos e a Comunhão e despedindo-se disse: ‘Seja feita a vontade de Deus: seja que queira conservar-me sinal de seu sofrimento, seja queira chamar-me consigo. Ofereço a minha vida pelos jovens e pela Congregação’. Os últimos dias foram de silêncio e de oração. Assistido pelo primo Pe. Gianpaolo Franzetti e pelas irmãs foi para todos exemplo de resignação e aceitação da vontade de Deus. Apagou-se serenamente assistido pela irmã....

Todos aqueles que o conheceram recordam-no como pessoa douda, preparada profundamente para o próprio ministério sacerdotal, capaz de contínuo atualização e decidido defensor do Papa, da Igreja e da Congregação. Médicos e enfermeiros ficaram impressionados pela lucidez com que conhecia a própria doença e a serenidade com que a aceitou e suportou. Do céu nos abençõe”.

Prezados irmãos, concluo esta carta com as palavras do Pe. Zerbini, que esteve muito perto do Pe. Carlos:

“Amou o trabalho e o seu sacerdócio.

ranças de superar a doença, pois, segundo o parecer deles, restavam-lhe poucos dias de vida. Entretanto a mudança de clima, a presença forte e corajosa da progenitora, as orações de tantas pessoas amigas, um tratamento mais especializado fizeram o milagre. Aos poucos começa a recuperação e, dia após dia, vai melhorando.

A correspondência com o Inspetor, permite-nos avaliar o forte desejo de viver e de trabalhar do Pe. Carlos e ao mesmo tempo sua total disponibilidade à vontade de Deus. Em dezembro de 1980, escreve: "Graças a Deus, estou bem e se dependesse de mim hoje mesmo voltaria ao Brasil... mas para fins de fevereiro conto de estar aí... Estou com muita saudade do Brasil, de nossa atividade na Inspetoria e quero voltar para recomençar o trabalho com toda disponibilidade...". Animado pelo restabelecimento, que julga definitivo, pede ao superior para fazer um curso de formação permanente e a licença para uma peregrinação a Lourdes a fim de agradecer à Virgem Imaculada a grande graça. Mas "o homem propõe e Deus dispõe", escreve em abril de 1981, e acrescenta: "São 21 meses que deixei o Brasil e ainda não consegui estar pronto para voltar... Deus brinca comigo: tive que submeter-me a uma série de tratamentos. Esta brincadeira de Deus me deixou um pouco decepcionado... preciso pedir muita fé todos os dias". Em meados de 1981, com a preocupação pela própria saúde, acresce-se outra pela saúde daquela que o assiste noite e dia, infundindo-lhe esperança e coragem. Exames médicos revelaram a provável presença de tumor no estômago de sua mãe. Os médicos lhe dão uns três meses de vida sem operação e esta poderia dar-lhe de dois a três ou mais anos. Pe. Carlos, porém, sabe que o dono da vida é Deus e como para ele tinham dado poucos dias de vida e já comemorava o 2º. aniversário, confia na proteção da Virgem Auxiliadora, que não desampara quem nela confia...

Sucedem-se os meses e volta a bonança. Em setembro escreve ao Inspetor: "Agradecemos a Deus: eterno é seu amor... Eu estou muito bem com o meu peso normal. Portanto espero ordens do senhor... disponível para o serviço que a Inspetoria me vai entregar". Em outubro dando notícias da saúde da mãe "sempre ativa de manhã à noite", acrescenta: "Gostei em saber que nos mês de novembro me enviará a 'obediência', que me faz sentir religioso e estou pronto a recebê-la. Que possa aceitar o meu novo trabalho com seus sofrimentos e alegrias para realizar a mística pascal do trabalho. Volto ao Brasil com o propósito de servir melhor".

Mas mais uma vez: "o homem propõe e Deus dispõe". Escreve a 1º. de janeiro de 1982: "Pensava no dia de hoje de estar em Lourdes para agradecer à nossa Mãe Imaculada e de lá enviar-lhe um cartão irradiando a alegria da próxima volta ao Brasil... Pelo contrário nos dias 20 a 22 de dezembro tive seis hemorragias e precisei ser hospitalizado em Angera, onde me encontro.... Sinto-me envergonhado em não poder ser pontual ao meu compromisso. Procuo fazer um ato de fé na vontade de Deus, ato de fé que ofereço pela vocações".

Após tantas esperanças e decepções, eis finalmente chegado o dia em que pode anunciar: "Sou feliz de lhe dar boas notícias, pois a úlcera está curada e estou com a passagem para o Brasil. Não podendo ir a Lourdes, vou com a mamãe e os familiares a Turim para agradecer a Nossa Senhora e rezar a missa no altar sobre o qual rezou sua última missa Dom Bosco".

Em março assume a direção da Faculdade em Araçatuba e dedica-se com novo empenho neste trabalho, quase quisesse recuperar o tempo tomado pela doença. Mas a recuperação é passageira. Já no início de 1983 os superiores decidiram aliviá-lo da direção da faculdade, pois as hemorragias haviam recomeçado.

Walter Bochi - antes como conselheiro do curso noturno e professor de física e química (1967-68), depois vice-diretor (1969-71) e diretor (1972-74) da Faculdade de Filosofia Dom Aquino, foi grande organizador e plenamente dedicado à obra salesiana. Exigente consigo mesmo e também com os outros: alunos e professores, contraiu, às vezes, antipatias que, em geral, eram superadas quando se percebia que Pe. Carlos era bom e honesto naquilo que exigia. Zelou pelo Colégio de Aplicação: estudo, desfiles e passeios a vários estados do Brasil. Na faculdade fazia respeitar os direitos dos alunos, fazendo questão que tudo procedesse com exatidão, tanto na parte acadêmica quanto administrativa. Cuidou da extensão universitária, trazendo a Campo Grande personalidades de várias partes do Brasil”.

Ao comemorar os 25 anos da Faculdade, escreve uma professora: “Espírito dinâmico, Pe. Carlos incentivou a realização de cursos de extensão universitária, festivais de teatro, excursões culturais a diversos estados brasileiros. Foi nessa época que surgiu o Colégio de Aplicação, que marcou o ensino do Estado pela alta dose de espírito crítico de seus alunos, verdadeiros líderes dos movimentos culturais na área do teatro, do cinema, da música, da literatura. A Faculdade de Filosofia não formou somente professores, ela preparou os jovens para o exercício da beleza, da liberdade, da convivência. Seus cursos quebraram velhos esquemas, inventaram a prática do diálogo e do trabalho em grupo, instaurando o aluno como sujeito do processo educacional”.

Apesar das múltiplas atividades na direção da Faculdade, encontra tempo para aprofundar a sua formação, cursando a Faculdade de Direito. Suas anotações claras e ordenadas denotam empenho e cuidadoso preparo, visando sempre a exclusivamente tornar-se útil no exercício de suas funções.

Nem esquece o seu ser sacerdote. Aos sábados e domingos, liberdando-se totalmente de suas funções acadêmicas, dedica-se com zelo ao povo simples e pobre no Bairro do Cruzeiro, na periferia de Campo Grande, exercendo o ministério sacerdotal na capela de São Sebastião. Para favorecer a formação da comunidade local, empreende a construção do salão para reuniões e demais atividades dos jovens.

Em 1975, a obediência transfere-o para Lins (Estado de S. Paulo) diretor das Faculdades e do Colégio Salesiano e ao mesmo tempo responsável pela pequena comunidade local. Foi apenas mudança de ambiente, porque as atividades continuaram as mesmas tanto na parte escolar como na parte do ministério sacerdotal. Para favorecer uma escola sempre mais eficiente, promove a reforma dos ambientes físicos propiciando maiores comodidades a alunos e professores.

Tanta atividade, a constante tensão pela regularidade de suas funções e da escola, o pouco cuidado de si mesmo acabaram por minar-lhe a saúde. No começo de 1979 surgem os primeiros sintomas, que julga incomodos corriqueiros e sem maior gravidade, apesar do aspecto pálido por forte anemia e sofrido por distúrbios insistentes. Em meados de junho, submete-se a uma série de exames no Hospital São José, na cidade de São Paulo, atendido com muita dedicação pelo Dr. Brunetti, grande benfeitor dos Salesianos. O diagnóstico revela a gravidade do mal: câncer no pâncreas, com frequentes hemorragias. É o início daquele “Calvário” de que falara no pedido para a ordenação sacerdotal. O Senhor o queria agora vítima não do trabalho mas de dolorosa enfermidade. Os cuidados médicos, a presença dos parentes vindos da Itália, a assitência premurosa das irmãs que atendem ao hospital conseguem estagnar as hemorragias a tal ponto que os médicos permitem aos familiares levar o enfermo para Itália, mesmo sem espe-

Trabalho de professor, soube preparar-se pelo estudo consciencioso à tarefa de salesiano e educador. Suas aulas eram planejadas com esmero e ministradas com clareza e gradualidade.

Trabalho de assistente salesiano. Em 1966, além das aulas de filosofia aos clérigos na Chácara São Vicente, era professor e conselheiro dos jovens aspirantes que acabavam de chegar àquela casa. Gostava de conviver com os jovens e para aliviar o assistente, tomava as refeições com os aspirantes com uma presença descontraída e fraterna.

Trabalho de organizador. Tudo era devidamente planejado. Sabia organizar querendo que tudo acontecesse sob seu vigilante controle. Uma evidente meticulosidade deve ter prejudicado até sua saúde pela tensão contínua que a direção das Faculdades de Campo Grande, Lins e Araçatuba exigia.

Amou seu sacerdócio. Após o trabalho assíduo na escola, encontrava tempo, especialmente nos fins de semana para ir à periferia da cidade e exercer seu ministério sacerdotal, na paróquia ou no oratório. Pe. Carlos, tenso e empenhado na atividade escolar, transfigurava-se ao contato com o povo simples, os jovens e crianças da periferia. O Oratório Paulo VI teve sua presença benéfica, criativa e entusiasta. No jeepe inseguro e por estradas nem sempre fáceis carregava clérigos e aspirantes, que, sob sua orientação, movimentavam o esporte, a catequese e as funções religiosas daquela periferia. A paróquia São Sebastião do Cruzeiro, Campo Grande, teve-o como bom pastor. Embora diretor da Faculdade Dom Aquino, encontrava tempo e energia para se interessar de reformas e adaptações dos locais e organizar pastoralmente a comunidade.

Era bem-querido por todos. Ao deixar a direção do Oratório Paulo VI, a comunidade oratoriana, para externar seu “muito obrigado”, quis preparar-lhe a “festa da gratidão” no belo estilo salesiano. Em Lins, após cinco anos de ausência, ouviram-se comentários elogiosos ao seu trabalho e ao sacrifício de sua vida.

Deixa-nos o exemplo do salesiano, bom pastor, que dá a sua vida”.

* * *

Ao encerrar estes traços biográficos, a Inspetoria de Campo Grande sente a obrigação de externar seu profundo agradecimento a quantos acompanharam este nosso bom Irmão ao longo de seu calvário, com dedicação e serviço fraterno. Aos familiares, em particular, à sua querida sr^a. mãe que, como a Virgem dolorosa, foi por tantos anos anjo consolador a lhe infundir força e esperança, à Inspetoria de Milão e, em particular, aos salesianos da Casa de Verese, que acolheram o doente como irmão querido e a quem prestaram sempre a confortadora amizade fraterna e ao primo Pe. Gianpaolo Franzetti, que o acompanhou com carinho e amor, nosso reconhecimento e penhor de nossas orações.

Ao Pe. Carlos, que serviu com dedicação a esta Inspetoria e a guardou sempre em seu coração, enriquecendo-a com seu sofrimento, nossa gratidão pelo exemplo de plena conformidade à vontade de Deus, com a promessa de perene recordação em nossas orações.

Embora a plena submissão aos planos de Deus nos dê a certeza que o Pe. Carlos já se encontra no gozo da felicidade eterna, recordemo-lo, queridos irmãos, em nossas orações, bem como a esta Inspetoria e a quem se professa em Dom Bosco Santo.

Pe. José Corazza
Secretário Inspetorial

Dados para o necrológico:

Pe. CARLOS DEL TORCHIO

* Golasecca (Lombardia - Itália), 4.02.1934, + Pavia (Itália), 16.12.1987, com 53 anos de idade, 36 de profissão religiosa e 24 de sacerdócio.